

Cultura visual medieval e espaços liminares: imagens, palavras, gênero, identidade e performance

Enviado em:
29/05/2013
Aprovado em:
16/10/2013

Flavia Galli Tatsch

Professora Adjunta
Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP
gtflavia@gmail.com

GERTSMAN, Elina e STEVENSON, Jill. *Thresholds of Medieval Visual Culture: Liminal Spaces*. Woodbridge: The Boydell Press, 2012, 373p.

Neste livro, cujo título poderia ser traduzido como “Limiars da Cultura Visual Medieval: espaços liminares”, as editoras Elina Gerstman e Jill Stevenson apresentam uma grande contribuição aos estudos da cultura visual. O objetivo principal da obra é o de desafiar as proposições sobre os limites visuais, verbais e performativos da cultura do Ocidente medieval. Nesse sentido, os ensaios procuram explorar os limiars que conectam o social e o epistemológico, o metafórico e o literal, a performance e o sensorial, o verbal e o visual, o material e o imaginário.

Como explicam Gerstman e Stevenson – respectivamente professoras na Case Western Reserve University e Marymount Manhattan College – a interdisciplinaridade abre novos caminhos para a investigação e propicia aos autores privilegiar diversos aspectos como a relação entre a palavra e imagem, os estudos de gênero, as teorias da recepção, as presenças do comitente e do observador, etc. Noventa e nove imagens embasam a discussão dos treze artigos que compõem a obra, agrupados em três partes: *Between Word and Image* [Entre palavra e imagem], *Identity and Gender* [Identidade e Gênero] e *Performative Spaces* [Espaços performativos].

Os quatro textos que compõem a primeira parte abordam a complexa interação entre palavra, imagem e o leitor que se dá em manuscritos da Baixa Idade Média. A seção tem início com o ensaio de Richard K. Emmerson, editor da revista *Speculum* e reitor da School of Arts at Manhattan College, que analisa o

231

manuscrito ilustrado também conhecido como Apocalipse de Jean de France, duque de Berry (Pierpont Morgan Library MS M.133). As oitenta e cinco miniaturas que representam o Apocalipse convidam o leitor a interpretá-las tendo em vista eventos contemporâneos, mais precisamente, aqueles ligados ao Grande Cisma do Ocidente (1378-1417). Segundo Emerson, novas afiliações visuais surgiram da negociação entre as imagens (elaboradas sem nenhum precedente) e o texto, encorajando o próprio Jean de Berry a ampliar os significados, conduzindo a um entendimento contemporâneo do Apocalipse: o Cisma papal não se configurava somente como querela política entre rivais, mas como ameaça à unidade espiritual da *Chistianitas*.

Kathryn A. Smith, professora na New York University, escreve sobre a capacidade que uma única imagem tem em funcionar como guia para o observador. Trata-se da miniatura do manuscrito escrito em provençal (Bibliothèque nationale de France MS fr. 25415), na qual um monge procura imitar Cristo crucificando a si mesmo. No texto desse *exemplum*, o monge é descrito como um “bom clérigo” que “tinha em grande reverência e grande compaixão a morte de Jesus Cristo”. No entanto, o que se percebe é uma disjunção entre a imagem e a prática: a *imitatio Christi* do pobre monge acabou por condenar sua alma, para satisfação do diabo e, mais precisamente, para instrução do leitor.

232

A participação do leitor também é tema do texto de Lucy Freeman Sandler, da New York University, que aborda o manual de instrução anglo-normando *La Lumere as Lais* (British Library MS Royal 15 D II). Sandler analisa as iniciais historiadas, dando maior ênfase àquelas preenchidas com cabeças masculinas e femininas – fenômeno bastante difundido nos manuscritos ingleses contemporâneos. Para a autora, essas cabeças demandam uma análise mais aprofundada que envolve a intenção do autor em atrair a atenção do público. Cuidadosamente posicionadas no início das divisões dos textos, as imagens indicavam o “ponto de entrada do leitor” configurando-se, assim, como espaços limiares “do uso adequado do livro para cada pessoa que o mantinha em suas mãos”.

Se Smith e Sandler enfatizam o papel do público/leitor, Marilyn Desmond, da Binghamton University, foca nas questões do patrocínio e da autoria dos textos. Sua atenção recai na tradução inglesa do livro *Epistre Othea* de Christine de Pizan, encomendada por John Fastolf a seu enteado Stephen Scrope. Cópias de *Epistre Othea* geralmente continham diversas miniaturas que representavam cenas da mitologia clássica, cujo objetivo era instruir o leitor em relação à apropriação da história antiga pela cultura ética da cavalaria. Em 1450, Fastolf encomendou uma

cópia luxuosa de *Othea* (Bodleian Laud Misc. 570), na qual o programa visual da versão francesa foi transmitido quase que de forma intacta, apesar de algumas intervenções do mestre miniaturista. Transportando para imagens o conceito de *mouvance* elaborado por Paul Zumthor (que privilegia a fluidez e a dinâmica das produções textuais em detrimento do conceito de originalidade), Desmond aborda a experiência visual como modelo para o engajamento intercultural, fomentado pela circulação das imagens e dos textos tanto na França quanto na Inglaterra.

Adelaide Bennett, pesquisadora do Index of Christian Art, da Princeton University, abre a segunda parte do livro, dedicada a questões sobre identidade e gênero. Pesquisando Livros de Horas e saltérios elaborados na França e em Flandres, entre 1220 e 1320, a autora percebeu como representam uma mudança na elaboração de livros devocionais para uso pessoal. Bennett encontrou evidências que revelam o papel de mulheres leigas como leitoras, proprietárias e comitentes desses manuscritos. Tais evidências se espalham por espaços diversos, como escrita, iniciais historiadas ou imagens das margens: muitas das miniaturas trazem mulheres em postura de devoção, cujas identidades tinham sido reveladas em brasões heráldicos e os nomes indicados nos textos. Em suas considerações, a autora não só afirma que esses manuscritos dão testemunho da “alfabetização das mulheres visual, devocional e espiritualmente”, como conclui que a privatização da prática religiosa das mulheres e as instruções para elaboração dos manuscritos indicam que elas possuíam as habilidades necessárias para ler e lidar com suas orações.

233

Jonathan Alexander, professor emérito da New York University, também focaliza a possibilidade de se apreender o papel das mulheres a partir de manuscritos iluminados. Mas, ao contrário do ensaio anterior, analisa aqueles produzidos na Itália, entre 1400 e 1550. Como Bennett, Alexander salienta a performatividade de mulheres da alta aristocracia como proprietárias e comitentes de livros, bem como seu papel na educação/letramento das crianças. Ao mesmo tempo, destaca a maneira em que estão representadas nas imagens. Vale ressaltar que Bennett e Alexander deslocam para o centro do debate uma questão que, até pouco tempo, se encontrava à margem das discussões.

Diane Wolfthal, especialista em arte medieval e protomoderna, investiga de que forma os pentes de marfim se transformaram em objetos eróticos. Como a aristocracia e a realeza eram os principais consumidores desses artigos de luxo, logo “ficaram intimamente associados a uma cultura cortesã”, daí a inserção de cenas de amor cortês. Contudo, Wolfthal propõe-se a expandir a análise para além da

iconografia destacando múltiplos aspectos, entre eles a materialidade do marfim, o pentear os cabelos como performance erótica, o pente como fetiche. Dessa forma, procura tanto demonstrar que, além de servir de ponte entre os amantes, o uso desses objetos rompia com as barreiras de gênero e de sexualidades.

Corine Schleif se propõe a discutir o papel dos doadores e patrocinadores. Professora na Arizona State University, Schleif se debruça sobre tais imagens como figuras liminares em espaços limiares. Uma das finalidades desse tipo de representação era a de documentar o objeto/edifício doado assim como seu(sua) doador(a). Como não havia uma forma homogênea a perpassá-las, a autora busca problematizar o estudo entre dois âmbitos: o material e o imaterial. Enquanto o objeto/edifício continuar a existir, a noção de presentear é uma repetição *ad infinitum* que joga com a imaginação do espectador: tal qual uma ponte, entre o passado em que viveu o doador(a)/patrocinador(a) e o presente do observador.

De certa forma, o artigo de Rachel Dressler, da University at Albany, complementa o anterior ao analisar a capela privada, seus altares e túmulos, como espaço liminal entre os mundos terrestre e celeste. Monumentos funerários tanto apontavam para a identidade do(a) falecido(a) por meio de indícios textuais e visuais, como desempenhavam um papel importante no processo de salvação, encorajando os presentes na missa a realizar orações em nome do(a) morto(a). Ao estudar os túmulos das famílias Gyvernay e Power que se encontram na capela de mesmo nome na Igreja Paroquial de Santa Maria, em Limington, Somerset, Dressler direciona a atenção a outros aspectos passíveis de apreensão na organização espacial dessas tumbas, tais como a narrativa familiar, a sucessão das gerações, o status social e o reforço da hierarquia dos gêneros.

A terceira parte do livro conta com quatro autores que procuram analisar a dimensão de espaços performativos e sua contribuição para cultura visual medieval. Glenn Burger, da City University of New York, aponta a localização dos dormitórios como elemento ambíguo e complexo no imaginário medieval, local “*par excellence* que espacializa as ansiedades medievais sobre a performatividade do social”. Burger parte da definição que Michel de Certeau deu ao espaço como lugar praticado para, então, pensar as operações que são colocadas em jogo quando da colocação dos dormitórios em espaços privados nas casas de burgueses do século XV. Entre as operações encontram-se: as relações maritais, a questão do corpo entre o pessoal e o social, bem como a construção da auto-identificação.

Robert Clark desenvolve a reflexão a partir das características de apresentação (rubricas, atribuições da fala e escolhas das imagens) de dois

manuscritos iluminados: *Pelerinage Jhesucrist* de Guillaume de Digulleville (Médiatèque d'Arras, MS 845) e *Roman de la Rose* (Bibliothèque nationale de France, ms fr. 38). Para o professor da Kansas State University, importa perceber o que essas características escondem ou revelam sobre o gênero literário. A ênfase de sua análise recai sobre a performatividade e, para isso, revisita a obra de Paul Zumthor, para quem a performatividade não estava limitada somente ao momento da recepção, mas encontrava-se já nas diversas camadas do texto, nas interações de voz e no seu modo de transcrição.

Jenna Soleo-Shanks, da Brian Cliff University, examina a dimensão política do frontispício da coleção de documentos elaborada para uso dos magistrados civis de Siena, conhecida como *Caleffo dell'Assunta* (Arquivo di Stato, Sala di Conferenza, Siena). A autora argumenta que é preciso adentrar os detalhes do contexto político e das performances cívicas da cidade para analisar a forma e a função dessa imagem. Para Soleo-Shanks, o frontispício pode ser visto como uma ponte entre os apontamentos do poder civil e a tradição anual de encenar a vitória na Batalha de Montaperti. Nesse sentido, documentos, imagens e performances – em conjunto – constituíam-se como elementos fundamentais para articular, construir e promover a identidade civil comum da cidade.

235

Glenn Ehrstine, da University of Iowa, se debruça sobre a relação entre os tratados sobre a Paixão e as peças que a encenavam em língua alemã. Segundo o autor, a participação do espectador medieval era inerentemente cinestésica, ou seja, a recepção dos teatros religiosos se dava, geralmente, dentro do contexto das práticas devocionais que envolviam sensações corporais. Assim, o corpo se transformava no meio de participação do público, fosse estimulando outras formas de recepção, fosse cruzando os limites entre o privado e o público.

Colum Hourihane, diretor do Index of Christian Art, finaliza *Thresholds of Medieval Visual Culture: Liminal Spaces* com um texto sobre Pamela Sheingorn, a quem o livro é dedicado. Mentora de muitos dos autores, uma das primeiras defensoras da teoria da cultura visual e especialista arte medieval, Sheingorn sempre defendeu a importância da interdisciplinaridade. Questões de gênero, sexualidade, performance e estudos cognitivos estão em sua pauta.

Concluindo, é uma leitura recomendada, pois oferece diferentes reflexões que ampliam e diversificam os estudos sobre cultura visual no medievo. Os esforços das editoras e dos autores, todos com reconhecida experiência em seus campos de estudo, foram bem sucedidos.